

## O ENSINO PELO EXEMPLO: HELDER BUENOS AIRES DE CARVALHO

João Caetano Linhares<sup>1</sup>

O filósofo escocês Alasdair MacIntyre diz que a história de uma instituição e, às vezes, de toda uma tradição é impossível de ser contada sem que se faça referência a certas pessoas que com os seus esforços individuais fizeram com que a tradição fosse adiante, melhorada e aprimorada. Assim podemos considerar o caso do curso de filosofia da Universidade Federal do Piauí, cuja história recente não pode ser contada sem que se faça referência ao professor doutor Helder Buenos Aires de Carvalho.

Aqueles que foram alunos de ética II do professor Helder sabem da importância que o conceito de narrativa desempenha na compreensão da nossa situação no mundo. Compreender é, neste caso, contar uma história. A aplicação do conceito de narrativa ocorre em pelo menos três níveis: o nível da narrativa de vida da pessoa singular; o nível da história de desenvolvimento das instituições com os seus fins respectivos; e o nível mais alto que é aquele da própria tradição cultural mais ampla. Desse modo, para compreendermos o que representa o professor Helder, é necessário contar uma pequena história na qual a sua pessoa se relaciona com a história dos seus alunos, da instituição na qual não apenas trabalha, mas vive, e relacionar com a tradição cultural.

Do ponto de vista mais pessoal, a narrativa de vida do professor está profundamente relacionada com a sua atividade profissional. Muitos que atuam como professores “estão” professores, não “são” professores. Isto não acontece com o professor Helder: ele é professor, vive sua profissão. Esta é uma característica fundamental para quem é formador de outros professores. A seriedade brutal e a disciplina abnegada com as quais sempre atuou são inspiração para os seus alunos que também desejam “serem” professores e não apenas exercer a atividade docente enquanto não “arrumam” outra coisa.

Antes de tudo, o professor Helder ensina pelo exemplo. É fácil encontrá-lo logo cedo em sua sala, sempre cumpridor de seus horários e de sua carga horária (não enrola o trabalho), gasta muito tempo com orientações tanto na graduação quanto na pós-graduação. E aqueles que já tiveram a honra de terem seus trabalhos corrigidos por ele sabem do rigor e minúcia da correção, o que demonstra paciência e vontade em ajudar os alunos a se desenvolverem da melhor forma.

Do ponto de vista da história da instituição, a visão de mundo adquirida pelo professor mudou os rumos do curso de filosofia da UFPI e, até certo ponto, da filosofia no meio-norte do Brasil, tendo em vista o respeito e deferência que todos os professores fazem questão de mostrar com relação ao professor por onde passamos. Liderou o grupo

---

<sup>1</sup> Licenciado em filosofia pela UFPI; mestre em Filosofia pelo PPGFIL-UFPI; Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFSM e Docente do curso de Licenciatura em Ciências Humanas da UFMA-CCEL-Bacabal.

que criou o curso de pós-graduação em filosofia na UFPI, programa que vem crescendo com constância nos últimos anos e que agora conta com o nível de doutorado.

Mas a contribuição mais importante, sem sombra de dúvidas, foi para a nossa própria tradição cultural. Não é o caso de uma grande revolução que mudaria os rumos de todo um povo, mas de pequenas revoluções nas vidas individuais de seus orientandos. É verdade que a exigência é uma marca indelével do professor, mas é acompanhada de muito estímulo e confiança. Costumo falar com amigos sobre como o professor colaborou para mudar para melhor as condições objetivas de vida de muita gente, muitos dos seus orientandos já são doutores ou estão cursando doutorado, muitos com colocações em instituições federais e estaduais de ensino. Pessoas, em sua maioria, que foram capazes de revolucionar suas vidas. E que aprenderam com o professor a encarar com muita seriedade a sua responsabilidade de mostrar para os seus alunos que o mundo é bem mais amplo e cheio de possibilidades do que poderiam pensar num primeiro momento. Responsabilidade de introduzir os seus alunos no mundo daquela auto-compreensão que só a atividade filosófica pode dar.

A palavra que vem a mente agora é “esperança”. Convocado a escrever algo sobre o professor Helder, perguntei-me qual a virtude mais importante que podemos aprender com ele. E qual a virtude aprendida é capaz e necessária para começar a mudar, nem que seja um pouco, a sociedade mais ampla. Muitas vieram à minha mente: disciplina para se dedicar com afinco às nossas atividades, paciência cuidadosa na lida com os outros, coragem para seguir sempre adiante, etc. Mas a principal característica que podemos adquirir como virtude é a “esperança”.

Podem parecer estranho considerar a esperança como uma virtude, mesmo porque a ideia de “esperança” para nós possui uma forte carga histórica ligada a tradição liberal. Basta lembrar da “esperança liberal” de um Richard Rorty, baseado em Hobbes e Locke, por exemplo. Voltemos, então, ao conceito de virtude descrito por Alasdair MacIntyre.

As virtudes, portanto, devem ser entendidas como aquelas disposições que não somente sustentarão práticas e nos habilitarão a alcançar os bens internos às práticas, mas nos sustentarão no relevante tipo de busca pelo bem, ao nos capacitar a superar os riscos, perigos, tentações e distrações que encontrarmos e que nos fornecerão um crescente auto-conhecimento e crescente conhecimento do bem. (MacINTYRE, 2007, p. 119).

Assim, vemos que adquirir adequadamente a virtude da esperança é essencial para nos dirigirmos para um telos, entendido aqui como um estágio cada vez mais bem acabado de desenvolvimento pessoal. Ter esperança é ter uma mirada para o telos da nossa vida como algo alcançável. Neste sentido, nada mais triste e trágico do que alguém sem esperança, pois coincide com alguém que não tem mais o telos (sentido de sua vida) como algo desejável ou mesmo algo que se possa alcançar em algum momento. A própria história de vida do professor Helder mostra a força dessa virtude. Alguém que foi em busca do mestrado e do doutorado numa época que ainda não tínhamos plena consciência do era isso e que enfrentou e venceu a solidão de estar distante de casa (todos que tiveram essa experiência sabem o quanto é difícil).

Mas, nesse ponto, alguém poderia dizer que a esperança não é uma virtude, mas mais um sentimento, que não é uma qualidade adquirida, mas tão somente uma inclinação natural (e muitas vezes, uma característica de pessoas mal informadas). Contra isso recorro novamente a MacIntyre: “Virtudes são disposições não somente para agir de modos particulares, mas também para sentir de modos particulares” (MacINTYRE, 2007, p. 149). Sim, ter esperança é também ter um sentimento para com o mundo. É se lançar em busca de melhores condições objetivas de vida, em busca de bens exteriores, mas também é aprender que tais bens são secundários aos bens internos das práticas que exercemos. Que buscar uma vida plena é mais importante do que ter coisas.

A esperança como virtude é aquela qualidade que nos capacita a querer e buscar nossa auto-realização pessoal. É a esperança que nos dá coragem para enfrentar os perigos e desafios para realizarmos algo. É essa a virtude que Helder nos ensina, não apenas de modo teórico, mas com seu exemplo cotidiano. Mesmo que muitas vezes as coisas não saiam como planejamos, devemos agir esperando que tudo ocorra bem.

Por fim, gostaria de agradecer ao professor Helder por tudo que me ensinou em todos esses anos.

Oxalá, que os antigos deuses gregos zelem pelo bom mestre!

#### Referência:

MacINTYRE, Alasdair. *After Virtue: a study in moral theory*. 3rd ed. University of Notre Dame.